

Íntegra da fala do Governador do D-1970 Henrique Maria Alves, de Portugal

Caro companheiro Pimentel, antes de mais, muito obrigado por suas palavras e pela amizade que nos recebeu a Alzira e eu.

Não sei se no domingo não vou perder o avião e ficar cá no Brasil, tal a maneira com que estou a ser tratado, muito obrigado a todos os companheiros.

Eu queria chamar a atenção do seguinte: todas essas imagens que nós vimos passar aqui a bocado (referindo-se ao audiovisual Os Grandes Desafios) não são montagens, mas são realidades. E essas realidades nós não podemos deixar sair por esta porta e esquecer que elas existem.

Nós temos que agir, agir rapidamente, agir em força, para que os nossos filhos e os nossos netos, um dia rotários, não tenham vergonha do trabalho que nós não fizemos durante o nosso tempo como rotários.

Qualquer criança desperta em nós dois sentimentos, dizia Pasteur: um de ternura por aquilo que ela é e uma outra de respeito por aquilo que ela poderá vir a ser.

Desperdiçando crianças, desperdiçando essas vidas, nós estamos a desperdiçar talentos; nós estamos a desperdiçar algo do que o mundo necessita e de que o mundo precisa.

Em Portugal, felizmente, o termo da mortalidade infantil e o termo da assistência não estão mal. O termo de educação, também, e de instrução. Eu gosto mais de chamar de instrução de que educação, uma vez que educação começa em casa e instrução é dada na escola. Essa parte, instrução também não estará tão mal quanto isso, que já

temos algumas crianças que não conseguem continuar por deficiências – muitas vezes, deficiências com seus professores de adaptação da escola onde estão.

Mas, logo que acabou a Assembléia Internacional de Rotary em San Diego e cheguei a Portugal, a primeira coisa que tentei foi começar a saber como é que o mundo andava. E a nossa Europa está dentro dos parâmetros de mortalidade infantil do mundo inteiro, que anda a volta de 4,5 criança por cada mil nascimentos.

Mas quando chego a ler que em Angola, por cada mil nascimentos, não conseguem chegar aos cinco anos de idade e que a média da mortalidade infantil é de 250 crianças por cada mil nascimentos. É realmente uma coisa assustadora. Eu penso que o companheiro não estará contrário a esta idéia.

Na saúde, a situação também assustadora: existe 0,7 camas hospitalares para cada mil habitantes. Não chega a haver uma cama hospitalar por cada habitante. 80 mil habitantes tem um centro de saúde. Dos 650 médicos em Angola, 72% estão em Luanda, a capital angolana. Sua população é de 16 milhões de pessoas! Penso que a estimativa está correta.

Todos esses números não podem de maneira nenhuma fazer com que haja saúde ou uma diminuição de mortalidade infantil

Esta situação o Rotary tem capacidade contribuir para melhor essas estatísticas por meio das CIPs. Todos nós temos capacidade.

Nós temos que fazer do lema “Dar de Si, Antes de Pensar em Si” não um slogan, por favor, mas uma atitude. Façamos deste lema uma atitude. Façamos com que realmente Rotary consiga que estas imagens passem a ser imagens do passado. E que realmente Rotary consiga isso não sozinho, mas com parceiros e tudo aquilo que seja preciso.

Lancemos mão à obra e consigamos ter algo para oferecer à essas crianças que não conseguem fazer nada.

Uma das preocupações da Governadoria do meu Distrito (D-1970) é realizar um projeto da minha mulher, Alzira, e conseguir cerca de 150 mil Euros para subsidiar bolsas de estudo em Angola e eu digo em Angola que é para ser em Angola. Os estudantes terão que fazer o secundário e o técnico profissional na sua terra, no seu sítio, na zona onde vive e não saírem do país onde vivem. Portanto, é lá que eles devem estudar.

Precisamos, fundamentalmente, criar condições para que essas crianças, um dia docentes, um dia adultos, possam pensar, criticar, julgar, escolher, decidir a sua própria vida.

É neste momento aquilo que vos queria dizer.

Muito obrigado.